

O conceito de inconsciente na obra de Freud¹

Rafaela Vieira de Oliveira

ORCID: [0000-0001-7700-7823](https://orcid.org/0000-0001-7700-7823)

Mestranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás / PUC-GO (Goiás, Brasil)

E-mail: rafavoliv@gmail.com

Helenides Mendonça

ORCID: [0000-0003-3990-5432](https://orcid.org/0000-0003-3990-5432)

Pós-doutora pelo Instituto Universitário de Lisboa / ISCTE/IUL (Lisboa, Portugal)
Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / PUC-GO (Goiás, Brasil)

E-mail: helenides@gmail.com

Resumo: O artigo busca traçar a evolução conceitual do inconsciente na obra freudiana. Parte do estudo de textos escritos em três momentos da produção freudiana: período pré-psicanalítico, primeira tópica e segunda tópica. Tomou como referências básicas os seguintes textos: *Sobre a concepção das Afásias: um estudo crítico* (Freud, 1891/2016), *Carta à Fliess 112 [52]* (Freud, 1896/2017), *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise* (Freud, 1912/2010b); *O inconsciente* (Freud, 1915/2010d); *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020) e *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011). Em textos anteriores ao nascimento da psicanálise (1900), Freud buscava uma formulação para o aparelho psíquico. Nesse momento, pensava-o como um aparelho de linguagem e de memória. A partir de 1900, Freud sistematiza o aparelho psíquico e o inconsciente passa a ser concebido, principalmente, como um sistema. Em 1915, em sua metapsicologia, destacam-se as três principais coordenadas para se pensar o inconsciente, correspondentes aos pontos de vista econômico, dinâmico e sistemático. Após 1920, ocorrem importantes mudanças na teoria psicanalítica, cujas consequências incidem sobre o conceito de inconsciente, ao se introduzir o conceito de pulsão de morte.

Palavras-chave: Inconsciente; Metapsicologia; Pulsão de morte.

Le concept d'inconscient dans l'œuvre de Freud: Cet article cherche à tracer l'évolution conceptuelle de l'inconscient dans l'œuvre freudienne. Elle est partie de l'étude de textes écrits à trois moments de la production freudienne : période pré-psychanalytique, première topique et deuxième topique. Les textes suivants ont été pris comme références de base : Sur la conception des Aphasies : une étude critique. (Freud, 1891/2016); Lettre à Fliess 112 [52] (Freud, 1896/2017), L'interprétation des rêves (Freud, 1900/2019), Quelques observations sur le concept d'inconscient en psychanalyse (1912/2010b) ; L'inconscient (Freud, 1915/2010d) ; Au-delà du principe de plaisir (Freud, 1920/2020) et Le moi et le ça (Freud, 1923/2011). On a observé que dans les textes antérieurs à la naissance de la psychanalyse, vers 1900, Freud cherchait une formulation de l'appareil psychique. À ce moment-là, j'y ai pensé comme un dispositif de langage et de mémoire. A partir de 1900, Freud systématise l'appareil psychique et l'inconscient commence à être conçu, principalement, comme un système. En 1915, dans sa métapsychologie, ressortent les trois principales coordonnées pour penser l'inconscient, correspondant aux points de vue économique, dynamique et systématique. Après 1920, il y a eu des changements importants dans la théorie psychanalytique, dont les conséquences affectent le concept d'inconscient, lorsque le concept de pulsion de mort a été introduit.

Mots-clés : Inconscient; Métapsychologie; Pulsion de mort.

The concept of the unconscious in Freud's work : This article seeks to trace the conceptual evolution of the "Unconscious" in Freud's work. It started from the study of texts written in three moments of Freudian production: pre-psychoanalytic period, first topic and second topic. The following texts were taken as basic references: *On the conception of Aphasias: a critical study* (Freud, 1891/2016); *Letter to Fliess 112 [52]* (Freud, 1896/2017), *The interpretations of dreams* (Freud, 1900/2019), *Some observations on the concept of the unconscious in psychoanalysis* (Freud, 1912/2010b); *The unconscious* (Freud, 1915/2010d); *Beyond the Pleasure Principle* (Freud, 1920/2020) and *The Ego and the Id* (Freud, 1923/2011). It was observed that in texts prior to the birth of psychoanalysis, 1900, Freud sought a formulation for the psychic apparatus. At that moment, he thought of it as a language and memory device. From 1900 onwards, Freud systematized the psychic apparatus. From then on, the unconscious is mainly conceived as a system. In 1915, in his metapsychology, the three main coordinates for

thinking about the unconscious stand out, corresponding to economic, dynamic and systematic points of view. After 1920, there were important changes in psychoanalytic theory, whose consequences affect the concept of the unconscious, when the concept of the death drive was introduced.

Keywords: Unconscious; Metapsychology; Death drive.

O conceito de Inconsciente na obra de Freud

Rafaela Vieira de Oliveira & Helenides Mendonça

Introdução

O presente artigo visa apresentar o conceito de inconsciente trabalhado na obra freudiana. Especificamente, compreender como o inconsciente é pensado a partir de textos selecionados dos seguintes períodos: pré-psicanalítico, anterior à publicação da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019); primeira tópica, que compreende textos publicados a partir de 1900 até 1920, quando da publicação de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020); e textos da segunda tópica freudiana, posteriores a 1920. A partir desses estudos vislumbra-se a seguinte questão: quais diferenças podem ser traçadas quanto ao conceito de inconsciente nesses diferentes períodos de produção da teoria psicanalítica?

Para abordar o problema exposto foram usadas como referências básicas os seguintes textos: *Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico* (Freud, 1891/2016)²; *Carta à Fliess 112 [52]* (Freud, 1896/2017), *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise* (Freud, 1912/2010b); *O inconsciente* (Freud, 1915/2010d); *Além do Princípio do prazer* (Freud, 1920/2020) e *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011). Outras obras de Freud também foram utilizadas a fim de complementar os estudos. Faz-se importante ressaltar que a leitura dos textos freudianos aqui realizada segue a orientação teórica do ensino de Lacan.

Considera-se que o conceito de inconsciente é um dos pilares da psicanálise. Antes de Freud, filósofos e poetas já haviam trabalhado com uma concepção de inconsciente. Em Platão, Goethe, Schopenhauer e Nietzsche, a ideia de conflitos internos ou ainda de processos além da consciência já figurava como tema (Gay, 2012). Se, por um lado, Freud não foi imune a essas influências culturais, por outro, faz-se necessário marcar a diferença entre o inconsciente nesses discursos para o inconsciente freudiano. Essa diferença é explicitada na obra *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), na qual Freud "revelou o inconsciente, tal como era, como funcionava, como diferia de outras partes da mente, e quais eram suas relações recíprocas com elas" (Streich, 1996, p.168). Portanto, Freud fez do inconsciente um sistema, conferindo-lhe leis de funcionamento, donde se assenta a expressão de que o inconsciente é uma descoberta freudiana.

Garcia-Roza (1995) aponta que um conceito como o do inconsciente, que carrega a assinatura de seu criador, Freud, passa por transformações. No caso do inconsciente, tal fato pode ser atestado ao longo da própria obra freudiana. Para Garcia-Roza (1995), se no início Freud preocupava-se em definir o inconsciente no sentido tópico, formulando suas leis e princípios de funcionamento, nos textos posteriores a 1915 sua preocupação passa a ser a das relações entre o inconsciente e as pulsões.

Para Almeida (2015), inconsciente e pulsão são conceitos que abordam o que o sujeito fala com seu corpo. Entretanto, em Lacan, principalmente no início de seu ensino, a definição de inconsciente era, majoritariamente, formulada dentro de um campo significativo, em que o corpo estava presente

apenas enquanto representação, enquanto corpo fragmentado (Miller, 1997). As mudanças de Lacan, quanto ao estatuto do corpo em psicanálise, inserem-se como referência fundamental para se pensar os casos da contemporaneidade, bem como para a reformulação e transformação de alguns conceitos psicanalíticos. Entretanto, na esteira de atualização de conceitos, faz-se necessário desenvolver trabalhos que tenham como objetivo lançar luzes para os textos cânones da psicanálise, uma vez que são eles que traçam os princípios a partir dos quais se orientam em direção às transformações exigidas pela contemporaneidade. É nesse sentido que uma vez, **mais ainda...** os textos de Freud são referências fundamentais para melhor compreender esse conceito e identificar aquilo que muda e/ou permanece ao largo de sua obra.

Inconsciente no período pré-psicanalítico

A psicanálise surge em um contexto quando no campo dos saberes a subjetividade estava identificada com a consciência. Com a filosofia moderna, a consciência era o absoluto (Garcia-Roza, 1985, p. 19). Ao escutar o sofrimento dos neuróticos, pacientes cujos sintomas não possuíam causa orgânica, Freud contraria a psiquiatria de sua época, ao postular que seus sintomas tinham uma causalidade psíquica e inconsciente. Também, fenômenos da vida cotidiana - atos falhos, sonhos, lapsos de linguagem e de memória-, conduziram Freud ao que ele mesmo denominou como a "terceira ferida narcísica da humanidade" (Freud, 1917/2014, p. 381). Seus estudos sobre esses fenômenos o levaram a conceber a razão e a consciência como efeitos de uma cena inconsciente, de forma que "a produção do conceito de inconsciente resultou numa clivagem da subjetividade" (Garcia-Roza, 1985, p. 22).

Em meados de 1895-1896, Freud começa a redação de seu texto *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) que, publicado na virada do século, inaugura a psicanálise como uma disciplina e tratamento do inconsciente. Antes de buscarmos nesse texto as sistematizações que Freud fez acerca do inconsciente, lançaremos um breve olhar sobre suas produções pré-psicanalíticas, uma vez que nelas é possível identificar os germens dos fundamentos da psicanálise. É o que acontece, por exemplo, no texto *Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico* (Freud, 1891/2016), escrito por Freud quando ainda neurologista. Tavares (2016) aponta a importância desse artigo para a psicanálise, uma vez que nele encontra-se a origem de seu "vocabulário teórico fundamental" (p. 10), o qual sofre transformações graduais que vão desde uma concepção neurológica à uma concepção psicanalítica. É o caso da utilização de termos tais como "aparelho de linguagem", "transferência", "associação", "representação de palavra", "representação de objeto", "trilhamento" e outras. No artigo em questão, Freud (1891/2016) tece uma revisão crítica às teorias predominantes de sua época sobre os estudos das afasias; ele se contrapõe à teoria "localizacionistas" de Wernick, Broca e Lichtheim e à teoria do funcionamento do sistema nervoso de Theodor Meynert, seu mentor (Tavares, 2016; Santos, 2013).

O argumento de Freud é de que as doutrinas dominantes sobre as afasias tinham até o momento superestimado a importância da localização, pois fundamentavam-se na ideia de uma "relação direta entre os distúrbios afásicos e as lesões fixadas em regiões cerebrais peculiares" (Santos, 2013,

p. 22). Isso pode ser observado no seguinte trecho: "[...] parece-nos, pois, que até então a importância do aspecto da localização para a afasia tenha sido superestimada e que nos portaremos de forma correta ao nos preocuparmos novamente com as condições de funcionamento do aparelho de linguagem" (Freud, 1891/2016, p. 133). Contrário às noções "localizacionistas", Freud apoia-se nos pressupostos teóricos de Hughlings Jackson, neurologista britânico, que partia de uma avaliação funcional do aparelho de linguagem (Santos, 2013).

Nos escritos pré-psicanalíticos, Freud se aproxima cada vez mais dos fundamentos que posteriormente ele adotará em relação ao aparelho psíquico, pois o conceberá a partir de uma visão estrutural e funcional e não como um espaço fisiológico ou anatômico no cérebro. Reforça, assim, a concepção de que se trata de um aparelho de linguagem. A compreensão da linguagem como substrato para o psiquismo pode ser vista de uma forma ainda inaugural nesse texto, mesmo que imersa em uma linguagem predominantemente neurológica. Nesse sentido, o seguinte trecho nos demonstra que o aparelho de linguagem segue uma estrutura associativa, o que é coerente com o que posteriormente em suas obras explicita o funcionamento do aparelho psíquico: "se a lesão se situa em uma posição central no campo de linguagem, então a totalidade do aparelho de linguagem sofre distúrbios de função, que derivam de sua natureza de mecanismos de associação e cuja enumeração tentamos realizar" (Freud, 1891/2016, p. 132). Os distúrbios de função do aparelho de linguagem podem derivar dos mecanismos associativos que o compõe.

Tal funcionamento comparece ainda em outro texto pré-psicanalítico, a *Carta 52* (Freud, 1896/2017), dirigida à Wilhelm Fliess. Nela, Freud declara sua tese de que o aparelho psíquico é um aparelho de memória e descreve os mecanismos psíquicos por meio de termos que ressaltam seu funcionamento de linguagem. Ele diz:

Você sabe que eu trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual de tempos em tempos, o material apresentado na forma de traços mnêmicos sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. Portanto, o que há de fundamentalmente novo em minha teoria é a afirmação de que a memória não está disposta em apenas uma, mas em várias camadas, que é escrita com vários tipos de signos. Postulei a existência de uma reorganização semelhante algum tempo atrás (Afasia) para as vias que provêm da periferia do corpo até o córtex. Quantos desses tipos de escrita existem eu não sei. Pelo menos três, provavelmente mais. (Freud, 1896/2017, pp. 35-36)

Nesse fragmento de texto, Freud abre caminho para uma concepção tópica do aparelho psíquico. Ao apresentar a suposição de que o mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas compostas de traços mnêmicos, afirma que a memória está disposta em várias camadas e escrita com vários tipos de signos. Podemos inferir que esses traços mnêmicos são passíveis de reorganização a partir de novas relações estabelecidas, não somente com novas percepções, como

também com interpretações feitas pelo sujeito do que já estava ali. Uma consequência disso é a concepção de que não só a memória passa a ser concebida como formada por diversas camadas, como também ela não é estática, pois encontra-se passível de reorganizações a partir dessas novas relações.

A dificuldade com a qual Freud se defronta na elaboração de seu modelo teórico do aparelho psíquico é, segundo Garcia-Roza (1991, p. 199), “[...] a de conciliar, no mesmo aparelho, memória e percepção”, pois embora uma não se dê sem a outra, a memória implica uma permanência de um traço, um registro, o que nas concepções de Freud do momento significava uma modificação no neurônio. Por sua vez, a percepção, implica uma receptividade aos estímulos. Como, então, essas duas funções podem ser conciliadas em um mesmo aparelho? Freud responde a essa questão no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950[1895]/1981)³ texto que não será trabalhado no presente artigo. Basta dizer que tal resposta apelava para a distinção entre dois neurônios, um permeável e outro impermeável. Apesar dessa conciliação, Garcia-Roza (1991) argumenta que isso não elimina a tese reforçada na *Carta 52* (Freud, 1896/2017) de que a memória não é uma propriedade do aparelho psíquico, mas “sua própria essência” (Garcia-Roza, 1991, p. 200).

A *Carta 52* (Freud, 1896/2017) também introduz a noção de “inscrição”, o que redimensiona a concepção freudiana do aparelho psíquico (Garcia-Roza, 1991, p.200). Há uma aproximação em compreender esse aparelho em termos de linguagem, como indicam os termos “retranscrição”, “inscrição” e “tradução”.

Nesse momento, então, o termo “inconsciência” aparece como uma das formas de escrita dos conteúdos e experiências no aparelho psíquico. Na carta são postuladas três formas de escrita: signo de percepção (sP), inconsciência (Ic) e pré-consciência (Pc). Para o autor, os diferentes modos de escrita encontram-se separados, mas não necessariamente em termos tópicos. As descrições feitas no texto assemelham-se a uma categorização funcional. Freud ilustra o estado de suas suposições colocando em linha reta os seguintes termos: P, sP, Ic, Pc, Cs.

Vê-se que P precede as três formas de registro mencionadas anteriormente. Para Freud, o P refere-se a “neurônios em que se originam as percepções às quais a consciência se liga” (Freud, 1896/2017, p. 36). No entanto, não guardam nenhum tipo de vestígio, ou seja, não se faz um registro, assim não constitui memória, mas consciência. Corresponde, portanto, “[...] à impressão do mundo exterior. É a pura transparência à qual vai se ligar a consciência, sem que, no entanto, seja capaz de reter qualquer traço” (Garcia-Roza, 1991, p. 203).

Os outros três signos, sP, Ic, Pc, são o que ele chama de “modos de escrita”. Ou seja, o que se passa ali é registrado em cada um desses modos de escrita, de forma que a memória seja formada “por camadas sobrepostas” (Freud, 1896/2017, p. 35). Freud supõe que o primeiro modo de escrita das percepções acontece em sP (signos de percepção), no qual o conteúdo ali registrado não produz consciência e é organizado por associações de simultaneidade.

Freud parte de outras relações, “talvez causais” no seu esquema. É o caso do segundo modo de escrita, Ic (inconsciência). Os traços Ic “corresponderiam talvez a lembranças conceituais e seriam,

da mesma forma, inacessíveis à consciência” (Freud, 1896/2017, p. 36). O “talvez” de seu texto nos demonstra o caráter exploratório de suas suposições. Na Pc (Pré-consciência), tem-se o terceiro modo de escrita que estaria ligado às “representações de palavra” e que corresponderia à noção de “Eu” de Freud, neste seu momento teórico, de forma que os investimentos provenientes de tal registro são os únicos com o potencial de se tornarem conscientes de acordo com determinadas regras, as quais ele não expõe no texto. Ao tornarem-se conscientes (Cs), os conteúdos deste registro deixariam novamente de se tornarem memórias.

Continuando sua teorização sobre a estrutura da memória, ele diz que a sobreposição dos modos de escrita em sequência representa “o trabalho psíquico de épocas sucessivas da vida” (Freud, 1896/2017, p. 37). Postula que “na fronteira” entre duas épocas precisa acontecer uma tradução do material psíquico. A falha deste procedimento de tradução corresponde ao “recalcamento”. A questão da tradução dos conteúdos entre uma época e outra, bem como as possibilidades de sua falha, sugerem uma importância de que a concepção topográfica da memória de Freud corresponda à existência do fator quantitativo de sua teoria. Ou seja, é interessante notar aqui que nesta tentativa de explicação do aparelho psíquico comparece a problemática de costurar o que no aparelho psíquico se estrutura como linguagem, como “modo de escrita”, com a concepção de um quantum que deve ser ali acomodado.

Cada registro de escrita possui um processo ou trilhamento excitatório, ou seja, “cada escrita sobreposta posterior inibe a anterior e desvia seu processo excitatório” (Freud, 1896/2017, p. 37). Dessa forma, à medida que uma escrita sobrepõe a outra algo se perde e “onde quer que falte a escrita sobreposta posterior” (Freud, 1896/2017, p. 37) o problema da excitação é resolvido seguindo as leis da escrita vigente. De tal explicação podemos depurar que cada modo de escrita tem o seu próprio funcionamento regido por leis próprias, que correspondem, portanto, a um funcionamento de linguagem. Entre uma época e outra acontece a sobreposição de uma camada de memória, da qual faz-se uma tradução. Nesta tradução, alguns conteúdos não são traduzidos e o quantum de excitação que tinham deve ser redirecionado para a camada posterior respondendo às leis ali vigentes.

A hipótese freudiana de que o aparelho psíquico se encontra organizado em camadas, pode ser lida como um esboço de sua concepção tópica do aparelho psíquico. A suposição de lugares ou instâncias psíquicas, por si só, não consegue abarcar os fenômenos da clínica dos psiconeuróticos. Assim, a concepção tópica exige uma teoria sobre a circulação de forças entre os lugares psíquicos, uma concepção dinâmica, que dê conta do movimento próprio desses conteúdos psíquicos. Logo, não se pode pensar a tópica freudiana sem considerar as relações dinâmicas por ela engendradas. Da mesma forma, a concepção dinâmica exige a perspectiva econômica que dita sobre as quantidades de energia que circulam nesse aparelho. A metapsicologia freudiana, centrada sobre essas três coordenadas, atuará como pano de fundo epistemológico de todas as teorizações freudianas. Embora Freud apresente a perspectiva econômica em seus textos metapsicológicos de 1915, alguns autores (Garcia-Roza, 1991; Caropreso & Simanke, 2011; Damasceno, 2021), apontam o *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950[1895]/1981) como o tratado freudiano sobre as quantidades

psíquicas. Assim, defendem que nele já se encontra a perspectiva econômica antes mesmo da formulação oficial da primeira tópica na interpretação dos sonhos.

A preocupação de Freud, nesse momento, quanto ao aparelho psíquico é compreender como se dá a percepção, o registro e a consciência das experiências. A consciência aparece como um reinvestimento daquilo que já foi impresso no aparelho. O tema do inconsciente em si, enquanto um sistema, com suas princípios e mecanismos de funcionamentos próprios, encontra-se ainda em estado germinal, mas atrelado, principalmente, a função da memória e como lugar ou modo de escrita que organiza o que é registrado no aparelho. Observa-se também que as preocupações de caráter dinâmico e econômico parecem já comparecer no texto. Ou seja, como o conteúdo inscrito se relaciona a partir das diferentes modalidades de escrita e como se comporta *quantum* excitatórios nesse aparelho, respectivamente.

A partir desse recorte do período pré-psicanalítico, vislumbrou-se como Freud pensava o aparelho psíquico. Destaca-se a construção inicial do vocabulário fundamental da psicanálise em textos nos quais Freud comparece ainda como neurologista. No trabalho sobre as afasias (Freud, 1891/2016) e na *Carta 52* (Freud, 1896/2017) é possível ver um teórico que trabalha tanto com hipóteses de “neurônios portadores” quanto com a de que o mecanismo psíquico é formado por camadas nas quais os traços mnêmicos são escritos ou registrado. Ou seja, como já introduzido anteriormente, temos na exposição deste modelo hipotético tanto noções que serão abandonadas, a ideia de “neurônios portadores”, quanto noções que tocam no cerne dos fundamentos da teoria psicanalítica, como é o caso desse postulado do funcionamento do aparelho psíquico. É justamente na forma com que Freud demonstra compreender o aparelho psíquico que Lacan encontra as bases para a tese de que o inconsciente se encontra estruturado como uma linguagem.

Na *Carta 52* (Freud, 1896/2017) o termo “inconsciência” é usado como o segundo modo de escrita dos traços mnêmicos no qual Freud pressupõe uma organização. É essa concepção de que o que está registrado encontra-se submetido a leis de funcionamento diferente daquelas de uma consciência que é retomada por Lacan em sua teoria. A estrutura de memória apresentada por Freud encontra-se fora dos domínios da consciência, uma vez que, memória e consciência se excluem.

O estatuto tópico do inconsciente, ou seja, sua sistematização é oficialmente formulada na obra *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), na qual propõe demonstrar que os sonhos podem ser interpretados mediante um procedimento científico. O interesse de Freud pelos sonhos se justifica por sua percepção de que estes se estruturam da mesma forma que os sintomas dos neuróticos. Assim, estudar o mecanismo de formação dos sonhos equivale a compreender o mecanismo de formação das neuroses. *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) é a obra que inaugura a psicanálise enquanto disciplina e tratamento. É também a partir dela que se tem a formalização da primeira tópica freudiana: inconsciente (Ics), consciente (Cs) e pré-consciente (Pc).

Inconsciente na primeira tópica freudiana

Para Freud, o funcionamento do aparelho psíquico poderia ser compreendido ou mais bem sistematizado, a partir de um estudo aprofundado sobre o mecanismo dos sonhos. O estudo dos sonhos possui um valor teórico de paradigma para Freud, na medida em que auxilia na compreensão dos sintomas e sofrimentos neuróticos: “[...] quem não souber explicar a origem das imagens do sonho se esforçará em vão para entender as fobias, as ideias obsessivas e delirantes e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas” (Freud, 1900/2019, p. 15).

Foi assim que, em 1900, lançou sua obra *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) na qual já trabalhava desde 1895. Essa obra marca um momento de virada no percurso teórico de Freud. Garcia-Roza (1985) aponta duas diferenças fundamentais introduzidas por ela em relação a textos anteriores de Freud, como *O projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950[1895]/1981). A primeira diferença seria que, na *Interpretação*, Freud (1900/2019) deixa de usar a noção de energia e passa a trabalhar com a noção de desejo. A segunda é que não se encontram mais referências de natureza anatômica, mas sim metafórica e topográfica. Essa transição pode ser atestada inclusive a partir da *Carta 52* (Freud, 1896/2017), trabalhada na seção anterior.

Na primeira parte da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), o autor faz uma extensa revisão bibliográfica de trabalhos sobre os sonhos. Para ele, os esforços de compreensão dos sonhos por parte da ciência de sua época concentravam-se, sobretudo, em concebê-los como um processo somático que se manifestava por indícios no aparelho psíquico. Já para Freud, os sonhos se constituíam como um ato psíquico cujo problema estava no campo da interpretação. Ele sustenta que interpretar um sonho “significa informar o seu sentido, substituí-lo por algo que se insere como ele equivalente no encadeamento das noções psíquicas” (Freud, 1900/2019, p. 127). Tal passagem já nos deixa entrever a fonte da qual Lacan beberá para sustentar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o procedimento da metáfora em Lacan trata-se justamente disso, ou seja, da operação de substituição de um sentido por outro, mediante um processo de adição de um termo, de uma palavra, de um significante. Uma palavra que antes estava em estado de recalçamento quando adicionada à cadeia significante, ou nas palavras de Freud ao “encadeamento das noções psíquicas”, adiciona-lhe sentido.

É importante notar que Freud identifica a propósito dos sonhos dois tipos de conteúdo, o latente, também chamado de “pensamentos oníricos” e o manifesto, sendo este último resultado do processo de censura do aparelho psíquico. Assim, uma das definições dadas por Freud para o sonho é de que este trata-se de um “conglomerado de formações psíquicas” (Freud, 1900/2019, p. 135) passível de ser interpretado, pois sua formação se assemelha a um texto cujo verdadeiro sentido foi censurado.

Em que pese Freud demonstrar o seu método interpretativo no sonho sobre “a injeção de Irma”, para os fins deste trabalho nos deteremos em apresentar a conclusão feita por ele a respeito dos sonhos. O que é descoberto a partir da interpretação e da associação livre dos elementos oníricos tanto de seus sonhos quanto nos de seus pacientes, é que o sonho é a realização de um desejo. Essa é a fórmula

inicial que ele nos apresenta, mas que também o leva a alguns questionamentos, a saber: "se o sonho representa um desejo realizado, como nos diz a interpretação do sonho, de onde vem a forma estranha e notável em que se expressa essa realização do desejo?" (Freud, 1900/2019, p. 155); outra questão que se coloca diz respeito aos sonhos de angústia serem realizações de desejos. Freud questiona como podem sonhos penosos e angustiados serem realizações de desejos? Por que os sonhos de conteúdo indiferente, que se revelam como realização de desejos, não mostram seu sentido de forma transparente? Destaca-se ainda uma outra questão: "por que o sonho não diz diretamente o que significa?" (Freud, 1900/2019, p. 169). Tomadas em conjunto, essas questões trazem à tona um questionamento importante para este estudo: Por que temos um inconsciente? Fazemos uma suspensão desta última questão e vejamos como Freud responde às questões anteriores a partir de sua teoria.

Para responder estas questões, ele primeiro atesta que sua teoria não se baseia no conteúdo manifesto do sonho, ou seja, em sua forma aparente, mas sim nos pensamentos que se encontram subjacentes ao sonho, o conteúdo onírico latente. Esses pensamentos são da ordem do desejo. O que Freud (1900/2019) explicita é que esse desejo contém algo de insuportável para a consciência e as leis que a regem. Porém, a meta do desejo é realizar-se, de modo que se cria uma espécie de impasse. Assim, o conteúdo onírico latente passa por uma "deformação onírica" em um procedimento chamado de "trabalho do sonho" para que possa ser acessado. A deformação onírica está a serviço da dissimulação. Quanto mais o conteúdo manifesto do sonho aparece como angustiante, mais ele se torna irreconhecível como um desejo: "quando a realização de desejos é irreconhecível e disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo e, devido a essa defesa, o desejo não consegue se expressar senão como deformação" (Freud, 1900/2019, pp. 175-176).

Freud (1900/2019) postula que uma instância de censura realiza essa deformação onírica. A partir disto, supõe dois sistemas psíquicos que seriam autores da "configuração onírica" do sujeito. O primeiro, forma o desejo que é expresso no sonho, enquanto o segundo exerce uma censura sobre esse desejo obrigando sua deformação. Tal deformação responde às questões levantadas anteriormente na medida em que o sonho passa a ser concebido como uma realização disfarçada de um desejo reprimido.

O campo do inconsciente coincide, nesse momento teórico, com o do desejo reprimido, desejo que tem uma estrutura de pensamento (Freud, 1911/2010a; Garcia-Roza, 1985). Freud então explica como o trabalho do sonho transforma os pensamentos oníricos no sonho manifesto e o primeiro processo indicado é o de condensação. Ao comparar o conteúdo manifesto do sonho com os pensamentos oníricos, Freud diz ser evidente que ali se realizou um trabalho de condensação, ou seja, "os elementos do sonho são formados a partir de toda uma massa de pensamentos oníricos e cada um deles parecer ser multiplamente determinado em relação aos pensamentos oníricos" (Freud, 1900/2019, p. 325). Dessa forma, as imagens do sonho têm um valor de significante e cada um desses elementos presentes no sonho possuem uma série de pensamentos oníricos associados. O que Freud aponta é uma sobredeterminação desses conteúdos.

Torna-se importante enfatizar que no trabalho de interpretação o que mais importa é o relato que o paciente apresenta do sonho, pois é quando ele passa a associar livremente sobre os elementos ali presentes, sendo que é este trabalho de associação que conduzirá à descoberta dos conteúdos recalçados, pois o conteúdo recalçado representa o material insuportável à consciência, e a censura opera de forma a criar uma distância entre esse conteúdo e a consciência. O acesso à consciência se dá a partir da distância produzida tanto pela deformação quanto pelo número de elos intermediários que se interpõe entre ela e o reprimido, conforme nos indica Freud no seu texto *A repressão* (Freud, 1915/2010c). O autor não deixa de apontar o caráter interminável que a interpretação pode assumir em razão do caráter infinito dos derivados do reprimido.

Sobre o caráter interminável que o inconsciente pode tomar, Freud faz uma pontuação importante na *Interpretação* (Freud, 1900/2019) quando apresenta a noção do “umbigo dos sonhos”. Trata-se de um “novelo de pensamentos” que não pode ser desembaraçado e que “não contribui muito para o conteúdo do sonho” (Freud, 1900/2019, p. 575). É uma trama opaca de pensamentos na qual nenhuma interpretação pode incidir, o ponto de contato do sonho com o desconhecido, *Unerkannt* (Freud, 1900/2019). Sobre esse tema Marcel Ritter questiona a Lacan se nesse *Unerkannt* não se trata de um real pulsional. Lacan (1975/2020), responde, então, que se trata, não tanto de um real pulsional, mas de um ponto de impossibilidade, uma trama de pensamentos que se encontra num registro impossível de ser acessado e, portanto, impossível de ser conhecido. Para Lacan (1975/2020), o “Umbigo do sonho” é o que Freud designa como *Urverdrängt*, o recalçado primordial: “Acredito que seja no destino do recalçado primordial – a saber, que algo que se especifica por não poder ser dito de modo algum, seja qual for a abordagem, por estar, como se diz, na raiz da linguagem [...]” (Lacan, 1975/2020, p. 14). É nessa trama, impossível de se conhecer, que Lacan dirá que se trata de um real no inconsciente. Esse real no inconsciente, portanto, está presente já nas primeiras definições que Freud confere ao inconsciente mediante seu trabalho sobre os sonhos.

Após essa breve explanação sobre a formação dos pensamentos oníricos latentes e o trabalho do sonho vamos apresentar a primeira tópica freudiana do aparelho psíquico a partir do estudo dos seguintes textos: o capítulo VII *A psicologia dos processos oníricos* da *Interpretações dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente* (Freud, 1912/2010b) e *O inconsciente* (Freud, 1915/2010d).

A primeira tópica freudiana é inaugurada no capítulo VII da *Interpretação* (Freud, 1900/2019), no qual é tratado sobre as diferentes formas que os desejos e ideias investidas são distribuídas no interior do aparelho psíquico. Assim, a primeira concepção tópica apresenta uma divisão do aparelho psíquico em três sistemas, inconsciente (Ics), pré-consciente (Pcs) e consciente (Cs). É neste momento que o inconsciente deixa de ser apenas uma qualidade descritiva dos conteúdos que não se encontram presentes na consciência em determinado momento. Enquanto sistema, o inconsciente apresenta leis e princípios de funcionamento diferentes daqueles do sistema Pcs-Cs. Esses sistemas se relacionam entre si, pois Freud concebe que os estímulos internos e externos se orientam nesse aparelho em um sentido

progressivo-regressivo, de forma que um ponto de vista dinâmico, referente a interação de forças e investimentos entre esses sistemas, encontra-se indissociável da concepção tópica (Garcia-Roza, 1985).

Embora esses sistemas encontrem-se descritos como lugares metafóricos, Freud faz questão de frisar que seu ordenamento se dá mais em uma dimensão temporal do que espacial. De forma que a diferenciação entre o sistema inconsciente e pré-consciente ocorre na medida em que o aparelho psíquico se desenvolve. Será entre esses dois sistemas que a operação de repressão incidirá. O sistemas pré-consciente e consciente compartilham das mesmas leis e sintaxe, sendo regidos pelo processo secundário, enquanto o inconsciente é regido pelo processo primário e por leis diferentes dos sistemas anteriores.

De um ponto de vista econômico, existem dois tipos de energia no aparelho psíquico, uma energia que se encontra livre e outra que se encontra ligada. A primeira tende a realizar sua descarga da forma mais direta possível e corresponde ao processo primário. Enquanto a segunda representa a energia ligada, capaz de retardar sua descarga, correspondendo, portanto, ao processo secundário. Assim, é que “nos sonhos e nos sintomas os processos primários se apresentam de forma privilegiada [...] enquanto o pensamento da vigília, a atenção, o raciocínio e a linguagem são exemplos do processo secundário” (Garcia-Roza, 1985, p. 58). O funcionamento do processo primário será retomado quando for apresentado a concepção de Lacan sobre o desejo e inconsciente.

No texto *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise* (Freud, 1912/2010b), o autor discorre sobre como a concepção dinâmica do aparelho psíquico apresentou um avanço na sua concepção do inconsciente. Ele diz que antes acreditava-se que todo pensamento inconsciente se encontrava em estado de latência devido à sua fraqueza e que se tornaria consciente caso obtivesse força. Após a introdução do ponto de vista dinâmico, percebe-se que alguns conteúdos inconscientes não se tornam conscientes por mais fortes e efetivos que sejam. Para que um conteúdo do inconsciente possa se tornar consciente é preciso que ele passe por um processo de tradução, que se submeta às regras e à sintaxe próprias dos sistemas *Pcs-Cs*, semelhante ao “trabalho do sonho”, visto anteriormente.

Em 1915, Freud nos apresenta seus textos metapsicológicos. Entre eles, encontramos o artigo *O inconsciente* (Freud, 1915/2010d). A metapsicologia freudiana é constituída pelas perspectivas dinâmica, econômica e sistemática de Freud sobre o aparelho psíquico. Nesse artigo, vê-se ele localizando o funcionamento do inconsciente dentro desses princípios. A concepção dinâmica diz respeito ao jogo de forças que se dá no aparelho psíquico em decorrência da resistência. A perspectiva econômica trata de como o aparelho lida com o fator quantitativo proveniente das excitações. Na perspectiva sistemática, vê-se as leis e características que Freud confere a cada sistema, e principalmente ao inconsciente. Ele diz:

Nesse sistema não há negação, não há dúvida nem grau de certeza. Tudo isso é trazido apenas pelo trabalho de censura entre *Ics* e *Pcs*. A negação é um substituto da repressão em nível

mais alto. No ics existem apenas conteúdo mais ou menos fortemente investidos. Há uma mobilidade bem maior das intensidades de investimento. Pelo processo de *deslocamento* [grifo do autor] uma ideia pode ceder a outra todo o seu montante de investimento, pelo de *condensação* [grifo do autor] pode acolher todo o investimento de várias outras. (Freud, 1915/2010d, p. 127)

Acrescenta também que os processos do sistema inconsciente não são ordenados nem alterados pela passagem do tempo, ou tampouco levam em consideração a realidade. Freud, ainda nesse artigo, afirma que a oposição entre consciente e inconsciente não se aplica à pulsão, uma vez que esta jamais torna-se objeto do consciente ou do inconsciente, existindo em ambos apenas a ideia que a representa. Um representante pulsional é composto por uma ideia investida por afeto, e nesse artigo Freud demonstra que a repressão somente atua sobre o representante ideativo, de forma que o afeto pode sofrer três destinos: ele pode permanecer como é, em todo ou em parte; pode sofrer uma mudança qualitativa na qual transforma-se sobretudo em angústia; ou pode ter seu desenvolvimento interrompido, sendo, portanto, suprimido.

Os pensamentos e ideias reprimidos no inconsciente continuam em estado ativo de associação produzindo derivados. Acontece que um afeto, devido à repressão de sua representação ideativa original, associa-se a uma ideia derivada dessa representação, mas cuja distância entre elas permite que o derivado acesse o sistema consciente. Assim, o afeto comparece de forma deslocada, sendo um trabalho da análise reconstituí-lo a seu representante ideativo verdadeiro.

Inconsciente na segunda tópica

O artigo *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2020) carrega o marcador de "*Turning Point*" [Ponto de Virada] da teoria psicanalítica (May, 2015, p. 219). Nele, Freud questiona pontos cruciais de sua psicanálise e redimensiona alguns de seus pressupostos. Algumas mudanças teóricas podem ser apontadas a partir desse texto, tais como: a mudança na doutrina das pulsões; a constatação de um princípio anterior e independente ao princípio de prazer e a conceituação de uma pulsão de morte. Alguns fatores foram determinantes para a construção das hipóteses elencadas nesse artigo, a saber: a análise das **neuroses traumáticas** ou **neuroses acidentárias**, a constatação de compulsão a repetição e a experiência do "*fort da*"³.

O que Freud atesta nesses casos é a repetição de uma experiência de desprazer que não responde ao princípio do prazer. Assim, Freud abandona uma das principais premissas de sua metapsicologia e apresenta a tese de que o princípio do prazer não é mais suficiente para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, há algo que funciona "para além" (Oliveira & Ianinni, 2020). Esse "para além" é abordado como uma compulsão à repetição que se apresenta como "[...]mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer por ela deixado de lado" (Freud, 1920/2020, p. 99).

Para melhor compreender do que se trata na compulsão à repetição é importante considerar o contexto em que as resistências aparecem no tratamento analítico. Freud demonstra que no início da prática psicanalítica o objetivo era trazer para a consciência o conteúdo que até então era inconsciente mediante a interpretação. Entretanto, tal fato não garantia uma melhora em todos os casos, uma vez que o paciente podia não se sentir convencido da interpretação do analista. Ao que se seguiu que o paciente confirmasse a construção analítica a partir de uma lembrança. Com esse esforço, as resistências do paciente é que se tornam o foco da análise. Tratava-se de descobri-las e comunicá-las ao doente buscando que ele as abandonasse por meio da sugestão. Logo, observou-se que a meta de tornar o inconsciente consciente não podia ser plenamente alcançada por essa via, pois o doente poderia não se lembrar de tudo o que estava recalado. Ele se vê antes “[...] forçado a repetir o recalado como experiência no presente, em vez de lembrá-lo [...]” (Freud, 1920/2020, p. 87).

Essa repetição, por vezes, passa a se dar na transferência. Nesse momento, há uma substituição da neurose anterior pelo que Freud nomeia como neurose de transferência. Ou seja, o paciente passa a repetir na sua relação com o médico os modelos de suas relações mais primordiais, Mas para compreender a compulsão à repetição, Freud nos esclarece que a resistência de que se trata não se dá por parte do recalado, do inconsciente, “o inconsciente, ou melhor, o ‘recalado’, não impõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento” (Freud, 1920/2020, p. 89). O que o inconsciente quer é “abrir caminho em direção à consciência” (Freud, 1920/2020, p. 89), ou nas palavras de Lacan, o que o inconsciente quer é realizar-se (Lacan, 1964/2008, p. 37).

Freud esclarece que as resistências partem do Eu. Mais especificamente, de uma parte do Eu que é inconsciente. Aqui, Freud apresenta uma tese que será mais bem formulada nos seu texto *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011), a de que parte do Eu é inconsciente. Em 1920 dirá que o cerne do Eu é inconsciente, entretanto, em 1923 reformulará tal afirmação ao dizer que o cerne do Eu seria o sistema pré-consciente e consciente. Entretanto, a própria concepção de que uma parte do Eu é inconsciente produz impactos importantes nas concepções sistemáticas e dinâmicas do aparelho psíquico. Se antes a neurose era vista como um conflito entre inconsciente e consciente, ela passa a ser, a partir de 1920, um conflito entre o Eu coerente e o recalado. De tal forma que Freud localiza as resistências no campo do Eu, mesmo que seus motivos sejam qualitativamente inconsciente; e a compulsão à repetição é atribuída ao recalado inconsciente.

A consequência disso para o presente estudo é significativa, uma vez que se entrevê as mudanças no conceito de inconsciente nos diferentes momentos da teoria psicanalítica. Ao colocar as resistências no campo do Eu e a compulsão à repetição no campo do inconsciente, Freud aponta que o inconsciente, que até então era governado pelo princípio do prazer responde também a partir de outro princípio, que seria anterior e independente do princípio de prazer. Trata-se da compulsão à repetição, cujo funcionamento indica seu forte caráter pulsional. Outra consequência pode ser vista a partir dos sonhos dos “neuróticos acidentários” (Freud, 1920/2020, p. 119). Freud dirá que, no caso deles, os sonhos que retornam à situação dos acidentes não estão à serviço da realização de desejo, na qual a

produção alucinatória é uma característica dos sonhos governados pelo princípio do prazer.

Ao contrário, nesses casos, o sonho executa outra tarefa “[...] que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa iniciar seu domínio” (Freud, 1920/2020, p. 119). Freud reconhece então pela primeira vez que os sonhos não são exclusivamente realização disfarçadas de desejos. É importante ressaltar que Freud não coloca os sonhos dos neuróticos acidentários no mesmo nível dos sonhos de angústia ou sonhos de punição. Para ele, esses últimos estariam ainda dominados pelo princípio do prazer. O que demonstra essencialmente para Freud que uma vivência de desprazer esteja sob o domínio do princípio do prazer e outra não, essa pesquisa não sabe responder, mas parte-se dessa diferença para o desenvolvimento das questões aqui colocadas.

Para Freud (1920/2020), a existência de um “para além do princípio de prazer” aponta para um período anterior a tendência de realização de desejos do sonho. Ou seja, os sonhos, enquanto formações do inconsciente podem ter outra função que não a realização de desejos e que estão relacionados a repetição de impressões traumáticas (Freud, 1920/2020, p. 123). Disso, pode-se inferir que as impressões traumáticas no aparelho psíquico se encontram em um estado não ligado e não respondente ao princípio do prazer, mas sim à compulsão à repetição, não estando potencialmente passíveis de descarga como é o caso dos conteúdos sob o domínio do processo primário e do princípio de prazer. Destaca-se tal fato, pela possível relação entre essas impressões traumáticas não significadas, não ligadas, e aquilo que se sabe sobre o inconsciente real, ou sobre o que faz marca sobre o corpo e não pode ser tratado pela via significativa. Tal destaque não será desenvolvido nesse artigo.

Freud questionará de que maneira a compulsão à repetição está associada ao pulsional e o desenvolvimento de tal questão teve as seguintes consequências: primeiro, apresenta uma tese referente ao caráter geral das pulsões na qual toda pulsão seria “[...] uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior” (Freud, 1920/2020, p. 131). Ou seja, como posteriormente afirma Lacan, toda pulsão é pulsão de morte (Lacan, 1964/2008, p. 201). O retorno ao inanimado é inerente às pulsões. Uma segunda consequência é que, se antes Freud diferenciava as pulsões entre pulsões do eu e pulsões sexuais, seu dualismo passa a ser entre pulsão de morte e pulsão de vida. A essa última estaria uma certa função de Eros, a de manter unida os componentes pulsionais que tendem à vida, ou como elaborou Freud, ao adiamento da morte (Freud, 1920/2020, p. 139). Seriam também as pulsões de vida, que segundo Freud, mais perturbariam a paz dos sujeitos, pois trazem consigo tensões.

Quanto à pulsão de morte, cujo indício foi a compulsão à repetição, visa o inanimado e “parece realizar seu trabalho discretamente” (Freud, 1920/2020, p. 205). De onde advém o fato de que a pulsão de morte atua de forma silenciosa. Ao término do texto, Freud diz que o princípio do prazer parece estar a serviço da pulsão de morte. Entretanto, por vigiar tanto os estímulos internos quanto externos avalia os perigos da vida segundo às duas pulsões.

Em *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011), Freud formaliza sua segunda tópic. Se antes o aparelho psíquico estava topograficamente dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente, ele passa a ser

divido em três outras instâncias: Eu, Supereu e Id. Aqui, não se trata de uma substituição simples entre os termos referentes a primeira tópica. A introdução da nova tópica permite que Freud responda melhor alguns fenômenos e sintomas mais complexos, tais como: o masoquismo originário, a agressividade, sentimento de culpa, angústia, dentro outros. (Oliveira & Ianinni, 2020). Para o que tange o escopo desse artigo, basta dizer que os princípios de funcionamento que antes fundamentavam o inconsciente enquanto um sistema, tais como princípio do prazer e processo primário, passam a ser identificados no Isso, instância de onde provém as moções pulsionais. O inconsciente parece, nesse momento teórico em Freud (1923/2011), ser utilizado mais no seu sentido descritivo, dinâmico e econômico do que tópico.

Como apontado anteriormente há consequências a serem extraídas a partir do estudo desse texto para o conceito de inconsciente. Entre elas está a relação entre o inconsciente e a pulsão de morte. Passa a existir a concepção de que o inconsciente funcione a partir de outro princípio que não exclusivamente o princípio do prazer, ou seja, ao dizer que a compulsão à repetição está no campo do inconsciente, Freud (1923/2011) nos indica que o inconsciente também está à serviço da pulsão de morte. Freud (1923/2011) concebe ainda que algumas impressões no aparelho psíquico são anteriores ao próprio princípio de prazer, portanto não podem sequer serem modificados para responder ao princípio de realidade.

Essas impressões são de ordem traumática. Há, por assim dizer, consequência para a própria noção de trauma. Consentino (2004, p.243) aponta que na 32ª conferência de Freud sobre *Angústia e instintos* (Freud, 1933/2010e) há uma redefinição na concepção de trauma a partir de uma dimensão temporal. Um momento traumático é definido quando há um fracasso do princípio do prazer. Ele ainda aponta que em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020) há a introdução de um novo conflito. "A condição do conflito na Metapsicologia é a sexualidade infantil. Agora são a pulsão de morte e o não-ligado, em sua oposição ao ligado, que estão se redefinindo" (Consentino, 2004, p. 245). O não-ligado é um ponto fora do princípio do prazer e que não deixa de ressoar uma das características, por assim dizer, que Lacan aponta sobre o inconsciente no final de seu ensino, o inconsciente que Miller denominaria real, a saber: a de ser um inconsciente onde não há uma articulação mínima entre os significantes. Um inconsciente em que S1 está sozinho.

A partir do exposto, pode-se depreender que a fórmula lacaniana de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem não recobre tudo o que Freud trabalhou em relação ao inconsciente. O inconsciente da primeira tópica seria o que mais se adequa a essa máxima lacaniana. Enquanto as reformulações de Freud sobre as teorias das pulsões indicam novas formas de se pensar o inconsciente.

Para finalizar, retoma-se a questão feita anteriormente: "por que temos um inconsciente?". Apresenta-se duas respostas possíveis. A primeira considera que o inconsciente é um efeito da cisão do aparelho psíquico. A existência de desejos incompatíveis com os ideais civilizatórios provoca uma cisão no sujeito. Essa perspectiva abre para uma outra que é a do recalque, conceito freudiano, que versa sobre a defesa realizada pelo aparelho psíquico para lidar com moções pulsionais, cuja satisfação traria

mais desprazer que prazer para o sujeito. Freud dirá que o recalque “não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência.” (Freud, 1915/2010c, p.85). Entretanto, Garcia-Roza (1985) salienta o paradoxo nessa formulação uma vez que o próprio inconsciente é resultante do recalque. A solução freudiana, segundo Garcia-Roza (1985), para esse paradoxo é a postulação do recalque primordial, originário, *Urverdrängt*. Trata-se de um corte originário que engendra a função do inconsciente e do sujeito. O inconsciente se estrutura em torno desse ponto que, para Lacan (1975/2020), designa o ponto de real que existe no inconsciente, uma vez que se trata de uma trama de pensamentos, de conteúdos impossíveis de serem reconhecidos. Lacan (1975/2020) relaciona o recalcado original com o **umbigo dos sonhos** de Freud. Trata-se de uma nomeação dada por Freud a um ponto insondável do sonho no qual a interpretação não incide, [...] “um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido” (Freud, 1900/2019, p. 143). Tal noção corresponde, por sua vez, se ao conceito de real em Lacan, no qual, uma das definições é o impossível de ser formalizado, escrito ou reconhecido (Lacan, 1975/2020). O inconsciente então se estrutura em torno desse ponto de impossível que, embora inacessível, produz uma série de conteúdos derivados que possuem efeitos sobre o sujeito.

Como efeito, a leitura que Lacan oferece no seu *Seminário 11* (Lacan, 1964/2008) sobre o inconsciente prolonga a resposta para essa questão complexa. Tem-se um inconsciente, na medida em que, a partir desse corte originário rompe-se o laço existente entre causa e efeito (Lacan, 1964/2008). O inconsciente, que só se dá a conhecer a partir de seus efeitos, fala de uma causa que está perdida para sempre, que é inacessível e que é um ponto de real, portanto, intratável. O inconsciente será então as ficções que se constroem em torno desse ponto irrecuperável.

Considerações finais

Na primeira parte do artigo, buscou-se compreender o conceito de inconsciente nas primeiras obras freudianas do período pré-psicanalítico. Constatou-se nesses textos que Freud já pensava o aparelho psíquico em termos de linguagem, entretanto, identifica-se também a presença de termos neurológicos. Embora uma concepção dinâmica e até econômica já se apresentasse nesses textos, a perspectiva sistêmica do aparelho psíquico foi introduzida em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), momento em que se introduz a primeira tópica Freudiana. Após esse momento de formalização do inconsciente, a metapsicologia freudiana se desenvolve em torno dos pontos de vista dinâmico, econômico e sistemático. A partir de 1920, há uma reformulação na teoria psicanalítica, uma vez que Freud identifica no aparelho psíquico a pulsão de morte. Tal fato apresenta consequências na forma como se concebe o inconsciente e leva Freud em 1923 a conceber o aparelho psíquico a partir de uma nova tópica, a saber: Eu, Supereu e Id.

Os fundamentos expostos sobre o funcionamento do inconsciente trabalhados até aqui serviram como ponto de partida para que Lacan começasse a introduzir as suas próprias contribuições teóricas

para o campo psicanalítico. Ele começa a partir de uma crítica à forma com que outros pós-freudianos estavam conduzindo a psicanálise até então, argumentando que havia sido feito um desvio dos fundamentos da teoria freudiana, o que o leva a começar sua trajetória em um esforço que ficou reconhecido como "retorno à Freud".

Notas

1. Este artigo encontra-se vinculado à dissertação de mestrado em Psicologia/PUC-GO de Rafaela Vieira de Oliveira, orientada pela Profa. Helenides Mendonça.
2. Texto escrito por Freud, quando ainda neurologista, que não foi incluído na edição *standart* organizada por James Strachey de suas obras completas. O artigo foi publicado recentemente no Brasil pela editora Autêntica, no conjunto denominado *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, em 2016.
3. Obra póstuma de Sigmund Freud;
4. Brincadeira infantil que Freud utiliza para ilustrar a compulsão à repetição. Nela, a criança simboliza a presença e a ausência da mãe. Trata-se da repetição de uma experiência de desprazer perpetuada pelo sujeito *infans*.

Referências Bibliográficas

- Almeida, C. P. (2015). O inconsciente, a pulsão e fenômenos somáticos. In M. A. C. Ribeiro, M. H. Martinho, & S. Borges (Orgs.). *O cadeirão da feiticeira: a metapsicologia de Freud, um século depois*. (pp. 67-72). Rio de Janeiro: Editora Contra-capas.
- Caropreso, F. & Simanke, R. T. (2011). Vida e morte na metapsicologia freudiana: uma reavaliação do segundo dualismo pulsional. In F. Caropreso, & R. T. Simanke. *Entre o corpo e a consciência. Ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana*. (pp. 177-205). São Carlos: Editora Edufscar.
- Consentino, J. C. (2004). O inconsciente freudiano: as marcas da segunda tópica. *Ágora*, 3(2), 235-250. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/q6yLQQxTgtn7dB4HcSGDJjc/abstract/?lang=pt#> doi: 10.1590/S1516-14982004000200004
- Damasceno, M. H. (2021). *O caráter extrapsíquico da pulsão de morte: a radicalidade da negatividade em Freud*. Belo Horizonte: Editora dialética.
- Freud, S. (1981). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-545). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913) (pp. 108-121). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010b). Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise. In P. C. de Souza

- (Trad.) *Obras completas - Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913) (pp. 255-267). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010c). A repressão. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 82-98). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010d). O inconsciente. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 99-150). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010e). Angústia e instintos. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 224-262). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros textos (1923-1925)* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (pp. 245-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2014). Resistência e repressão. In S. Tellaroli (Trad.) *Obras Completas - Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* (pp. 381-401). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2016). *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (2017). Carta 112 [52], de 06 de novembro de 1896. In M. R. S. Moraes (Trad.) *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2019). *Obras completas - A interpretação dos sonhos (1900)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2020). *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio do prazer*. Belo Horizonte: Editora autêntica. (Trabalho original publicado em 1920).
- Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. (2a ed.). São Paulo: Companhia das letras.
- Garcia-Roza, L. A. (1985). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana 1 – Sobre as afasias (1891), O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana 3 – Artigos de metapsicologia (1914-1917): narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro:

- Editora Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2020). O umbigo do sonho é um furo. In *Opção lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 82, 13-20. (Trabalho original publicado em 1975).
- May, U. (2015). The third step in drive theory: on the genesis of Beyond the pleasure principle. (M. Molnar, Trad.). *M. Edinburgh University Press, Psychoanalysis and History*, 17(2), 205-272.
- Miller, J. A. (1997). *Lacan elucidado – palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Oliveira, L. E. P. & Ianinni, G. (2020). Prefácio. In M. R. S. Moraes (Trad.) *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio do prazer* (pp. 7-21). Belo Horizonte: Editora autêntica.
- Santos, D. P. (2013). *O inconsciente nos primeiros textos de Freud: Aparelho de linguagem, aparelho de memória e aparelho psíquico*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, GO, Brasil.
- Strechey, J. (1996). Nota do Editor Inglês. In S. Freud *O inconsciente*. (pp. 165-217) Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Tavares, P. H. (2016). Apresentação – O estudo sobre as afasias: O grande “apócrifo” de Freud. In S. Freud *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Citação/Citation: Oliveira, R. V. de, & Mendonça, H. (nov. 2021 a abr. 2022). O conceito de inconsciente na obra de Freud. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 112-131. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p112-131

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 06/06/2021 / 06/06/2021.

Aceito/Accepted: 28/07/2021 / 07/28/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.